

CONSTRUÇÕES GRAMATICAIS E A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS

*Lilian Vieira Ferrari**

RESUMO

Este trabalho investiga correlações entre aspectos formais das condicionais no Português do Brasil e aspectos da interpretação dessas construções determinados contextualmente. O argumento básico é que as condicionais são construções gramaticais, tal como proposto nos trabalhos de Fillmore 1988, Kay & O' Connor 1988 e Fillmore & Kay 1994.

Palavras-chave: Construções gramaticais; Construções condicionais; Linguística cognitiva.

Este trabalho enfoca um tipo específico de introdutor de espaço mental em Português que são as orações condicionais.¹ A partir do paradigma cognitivista proposto por Fauconnier (1985/1994, 1996), busca-se explorar os modos pelos quais as orações condicionais estão envolvidas na construção de estruturas cognitivas extra-lingüísticas. Para isso, entretanto, temos que documentar os significados que os elementos lingüísticos carregam em virtude de convenções lingüísticas específicas.

Dentro dessa perspectiva, dedicaremos a próxima seção à explicitação do conceito de construção gramatical. Em seguida, abordaremos aspectos formais convencionais que contribuem para a interpretação da construção como um todo: a moldura “se p, (então) q”, a conjunção “se” e as formas verbais observadas.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹ Espaços Mentais são domínios cognitivos locais, em que a informação é provisoriamente alocada à medida que o discurso se desenvolve. (Fauconnier 1994, 1997)

A NOÇÃO DE CONSTRUÇÃO GRAMATICAL

Dentro da perspectiva cognitivista, não é possível tratar forma e significado separadamente, já que se postula a hipótese de que a gramática é essencialmente simbólica (Fillmore 1977, 1982; Langacker 1987, 1991; Lakoff 1987, e outros). Nos termos da **Gramática das construções** (Fillmore 1988; Fillmore, Kay & O'Connor, 1988; Fillmore & Kay 1994; Goldberg 1994; Shibatani & Thompson 1996), cada construção gramatical, lexical ou sintática possui uma interpretação semântica e/ou pragmática como parte de sua descrição. Considera-se, portanto, que aspectos da estrutura de uma dada sentença contribuem para a interpretação global da mesma.

Na perspectiva da **Gramática das construções**, portanto, não se assume uma divisão estrita entre construções sintáticas e lexicais. A hipótese é que essas construções diferem em complexidade interna, mas ambas estabelecem pareamentos de forma e significado. Além disso, rejeita-se uma divisão rígida entre semântica e pragmática, na medida em que as construções representam ao mesmo tempo informações semânticas e informações a respeito de topicalidade, registro, etc.

No que se refere à condicionalidade em Português, a proposta é abordá-la como uma categoria superordenada, cujo significado básico “se p, q” combina-se com outros elementos formais (formas verbais, tipo de conjunção, etc) e com fatores contextuais. Não basta, portanto, documentar os vários sentidos das condicionais, mas mostrar suas motivações composicionais (quais aspectos formais são relevantes para a interpretação). É preciso investigar tanto os parâmetros do significado condicional quanto os parâmetros da forma condicional, e suas correlações.

Esse tipo de descrição gramatical aborda as sentenças condicionais como exemplos de “construções”. É interessante notar que a parte estrutural de uma construção pode envolver um conjunto de padrões encontrados em outras partes da língua, mas em uma construção específica os padrões selecionados são associados a significados especiais (semânticos, pragmáticos ou ambos).

Tratar uma sentença condicional como exemplo de **construção** significa assumir que a condicional envolve um conjunto de padrões encontrados em outras partes da gramática, embora nessa construção em particular os traços selecionados estejam associados a significados especiais (semânticos, pragmáticos ou ambos). A construção não é interpretada de modo totalmente composicional; no entanto, as informações semânticas e pragmáticas são de fato associadas convencionalmente a traços formais da construção. Portanto, a descrição da construção condicional envolve uma explicação de como suas características lexicais e estruturais são mapeadas em aspectos de interpretação de um modo que é específico daquela construção.

Tomando-se como ponto de partida os pressupostos teóricos expostos acima,

serão discutidos a seguir os parâmetros básicos da condicionalidade em Português em termos da correlação forma-interpretação que estabelecem.

O ESQUEMA “SE P, (ENTÃO) Q”: ASPECTOS E VARIEDADES

A expressão do significado condicional em Português pode aparecer de diversas formas, como ilustram os exemplos abaixo:

- (1) Diga mais uma palavra e eu corto a sua mesada.
- (2) Achou o vale brinde, ganhou.

Embora construções do tipo acima compartilhem alguns traços com o tipo padrão de construção condicional, o presente trabalho constitui uma tentativa de descrição das sentenças condicionais em Português, que são composições complexas de uma oração nuclear (a apódose **q**) e uma oração subordinada prototipicamente introduzida pela conjunção “se” (a prótase **p**).

Essa fórmula geral abriga uma ampla variedade de condicionais. Em primeiro lugar, a diversidade pode ocorrer na apódose, que pode apresentar orações declarativas, interrogativas ou imperativas; é possível também que a prótase seja introduzida por uma conjunção (ou locução conjuntiva) diferente de “se”, como “caso” ou “a menos que”; ou ainda, a conjunção “se” pode apresentar-se acompanhada de outros itens lexicais (mesmo se..., só se...). Finalmente, a variação pode relacionar-se à seleção modo-temporal na prótase e na apódose. Vejamos algumas possibilidades:

- (3) Se Marcos **faltar** à reunião, ele **será/vai ser** demitido.
- (4) Se Marcos **falta** a reunião, ela é demitido.
- (5) Se Marcos **faltasse** à reunião, ele **seria** demitido.
- (6) Se Marcos **tivesse** faltado à reunião, ela **teria sido/tinha sido** demitido.

Todas essas variações apresentadas acima afetam a interpretação, mas o tratamento da estrutura “se p, (então) q” como a moldura sintática mais ampla permite que se analisem os modos pelos quais outros elementos formais afetam a interpretação da construção como um todo.

A moldura sintática estabelece uma relação de causalidade entre **p** e **q**, de tal forma que o que é afirmado é essa relação causal, e não os eventos em si mesmos. De acordo com Sweetser (1990), a relação de causalidade pode ocorrer em diferentes domínios cognitivos: **de conteúdo**, **epistêmico** e **pragmático**. No primeiro caso, estabelece-se uma relação de causa e efeito entre eventos no mundo descrito (“*Se esfriar, nós ligaremos o aquecedor*”); no domínio epistêmico, a relação que se estabelece é entre premissa e conclusão no nível do raciocínio (“*Se eles ligaram o aquecedor, é porque*

esfriou"); no domínio pragmático, a prótase da condicional constitui um comentário que possibilita o ato de fala a ser realizado na prótase (“*Se não for pedir muito, você poderia ligar o aquecedor?*”).

O PAPEL DA CONJUNÇÃO “SE”

Em termos cognitivos, a conjunção “se” pode ser considerada um **operador de encaixe** (*matching operator*). Fauconnier (1997) argumenta que esse tipo de operador abre dois novos espaços, um *espaço-fundação* e outro *espaço-expansão*, subordinado ao primeiro. Em termos discursivos, o que isso quer dizer é que a prótase de uma condicional atua como um angulador, que estabelece as condições de validação do discurso subsequente.

Em termos lingüísticos, a conjunção “se” é um expoente de status especial em relação à afirmação sob seu escopo. Esse status pode ser melhor descrito por referência à definição de ato de fala assertivo (Searle 1969). Para Searle, uma afirmação conta como expressão da crença do falante, com base nas seguintes condições de felicidade:

- a. O falante possui evidências para sustentação da crença;
- b. O falante acredita que sua crença é verdadeira;
- c. O ouvinte não compartilha necessariamente da mesma crença (precisa ser lembrado ou informado);

Dancygier (1998) argumenta que “se” funciona como uma instrução para o ouvinte tratar a afirmação sob seu escopo como não tendo sido afirmada da maneira usual. Trata-se, na verdade, de um **marcador de não-assertividade**, utilizado quando uma suposição precisa ser considerada, mas não pode ser afirmada (considerando-se as condições de felicidade para afirmações). Portanto, a suposição será apresentada como não-afirmável (**unassertable**). Para ilustrar esse fato, basta lembrarmos de uma placa de boas-vindas existente na entrada da cidade do Rio de Janeiro:

(19) “*Se você ama o Rio, você também é carioca*”

Na placa, não se afirma que o visitante ama o Rio. Mas se essa possibilidade se mostrar verdadeira, o visitante é informado que uma negociação das características necessárias para a inclusão na categoria “carioca” pode ser feita.

Em termos de construção do sentido, podemos concluir que a conjunção “se” atua em pelo menos três níveis: a) no nível cognitivo mais geral, como um operador de encaixe, introdutor de dois espaço hipotéticos, de modo que o segundo seja subordinado ao primeiro; b) em nível lexical, como marcador de não-assertividade; c) no

nível da construções, como introdutor de uma das orações da construção condicional, que apresenta as suposições **p** e **q** como conectadas em domínios cognitivos específicos.

FORMA VERBAL

As formas verbais nas construções condicionais são normalmente destacadas como aspectos importantes da caracterização global das mesmas. Dancygier (1998) argumenta que a morfologia verbal revela a natureza específica da não-assertividade da suposição sob escopo de “se” e da relação entre **p** e **q**, ao invés de estabelecer uma referência temporal em si.

Toda condicional apresenta uma suposição que poderia ser afirmada sob condições adequadas, mas que não está sendo afirmada em uma emissão particular por um falante específico. O aspecto particular do conhecimento do falante que torna a suposição não-afirmável é codificada, entre outras coisas, pelas formas verbais utilizadas.

Retomemos os exemplos (14) a (16) apresentados acima:

(14) Se Maria **for** para a Itália, ela **deixará/vai deixar** o emprego.

(15) Se Maria **fosse** para a Itália, ela **deixaria/deixava** o emprego.

(16) Se Maria **tivesse ido** para a Itália, ela **teria deixado/tinha deixado** o emprego.

Todos os casos acima são exemplos de condicionais de conteúdo, nos termos de Sweetser (1990). Há uma relação condicional e causal entre os eventos descritos na prótase e na apódose. Além disso, em todos os casos a ida de Maria para a Itália não está sendo afirmada, mas apenas considerada para o estabelecimento da predição de que ela deixará o emprego. O que os diferentes tempos verbais estão sinalizando é o tipo de não-assertividade em questão. Em (14), o falante não pode afirmar que Maria vai para a Itália, porque não sabe se isso realmente vai acontecer. É o que Fillmore (1990) denominou **postura epistêmica neutra**; o uso do futuro do subjuntivo sinaliza **desconhecimento** em relação à efetiva realização do evento. Em (15), o impedimento para a afirmação situa-se na existência de outras suposições que contrariam a suposição da realização da viagem de Maria (por exemplo, ela não conseguiu visto para morar na Itália); o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo indica que o evento é **contrário às expectativas**. Em (16), a ida de Maria para a Itália está completamente fora de questão; o uso do pretérito-mais-que-perfeito do subjuntivo sinaliza **impossibilidade** de consideração do evento como real. Em ambos os casos, o falante apresenta **postura epistêmica negativa** (mais fraca, no primeiro caso, e mais forte, no segundo).

É interessante notar que a seleção do tempo verbal pode sinalizar para o ouvinte o ponto de vista adotado pelo falante. Consideremos o seguinte fragmento de carta, adaptado de Dancygier (1998, p. 57):

- (17) Nós programamos o seu seminário para 5ª feira, dia 14 de fevereiro. Se você o **apresentar** na primeira 5ª f depois da sua chegada, você terá um público maior do que se você o **apresentasse** no final da sua visita.

No exemplo acima, as duas prótases condicionais referem-se a eventos futuros. A diferença na seleção temporal apenas sinaliza que a primeira opção é a preferida. Nos termos de Fleischman (1989), trata-se de uma metáfora básica de distância temporal, que consiste em expressar vários tipos de distância não-temporal pelo uso de uma forma temporal mais distante. A extensão feita é na maioria dos casos de não-factuality (“distância” da realidade ou crença), mas também de distância subjetiva (em relação ao ponto de vista do falante).

Resta-nos, agora, considerar uma outra possibilidade de seleção modo-temporal na prótases condicionais em Português que é o presente do indicativo. A questão que se coloca é a diferença básica entre sentenças do tipo:

- (18) **Se chover**, eles vão cancelar o jogo.
(19) **Se chove**, eles cancelam o jogo.

Não poderíamos dizer que, em (19), o uso do presente do indicativo assinala que a chuva esteja sendo tomada como “factual”. Como já foi descrito, a conjunção “se” estabelece a não-assertividade do evento sob seu escopo. No caso do futuro do subjuntivo, o tipo de não-assertividade codificado baseia-se na falta de evidências para a afirmação. Qual seria então o tipo de não-assertividade codificada pelo presente do indicativo? Parece que nesse caso continua havendo falta de evidências diretas para a afirmação, mas há evidências indiretas que não provêm da “realidade” em si, mas de um fato discursivo. Como exemplo para esse tipo de fenômeno, podemos apresentar a retomada do discurso do interlocutor para o desenvolvimento de um raciocínio:

- (20) A: O serviço de meteorologia indicou chuva para hoje.
B: Hum! **Se chove**, eles cancelam o jogo.

No exemplo acima, o falante B não apresenta “a chuva” como um fato, mas retoma a informação apresentada pelo falante A (essa sim um fato) para estabelecer uma predição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição do presente trabalho no tratamento da condicionalidade em Português situa-se em dois níveis distintos e complementares. Em primeiro lugar, buscou-se estabelecer correlações entre forma e significado das construções do tipo “se p, (então) q”, partindo-se do princípio de que características formais convencionais dessas construções contribuem de maneira específica para a interpretação global das mesmas. Em seguida, com base na hipótese de que tais construções são introdutoras de espaços mentais, buscou-se uma explicitação do modo pelo qual aspectos tais como escolha da conjunção e seleção modo-temporal atuam na construção pragmática de domínios cognitivos com funções discursivas específicas.

Vale ressaltar que a abordagem cognitivista das construções condicionais, nos moldes aqui propostos, parte do princípio de que a escolha de formas hipotéticas não é ditada por nenhuma avaliação direta do que é possível ou impossível na realidade. De acordo com Fauconnier (1985, 1996), os “espaços-filhos” herdam estrutura de seus “espaços-mães”, de modo que quando condicionais são criadas a partir do espaço-base, as características compatíveis desse espaço-base são transferidas para o novo espaço. Portanto, não se tem a criação de um mundo possível totalmente diferente do mundo concebido como real, mas a alteração desse mundo “real” em apenas alguns aspectos para fins discursivos e interacionais. Por outro lado, pode-se sinalizar como “real” algo que sabidamente difere das crenças do falante sobre a realidade, com fins estratégicos de negociação de ponto de vista e/ou de tópico discursivo.

ABSTRACT

This paper investigates meaning correlates of aspects of conditional form in Brazilian Portuguese, and its relation to contextually determined aspects of conditional interpretation. It is argued that conditionals are grammatical constructions, as defined in works such as Fillmore 1988, Fillmore, Kay & O'Connor 1988, Fillmore & Kay 1994.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, S. A. F. **Escolha modo-temporal na tradução de construções condicionais do inglês para o português: uma abordagem sócio-cognitiva**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1999. (Dissertação, Mestrado).
- CHAFE, W. **Discourse, consciousness, and time**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- DANCYGIER, B. **Conditionals and prediction: time, knowledge and causation in conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Mass.:MIT Press. (2nd edn. 1994, Cambridge: Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, L. V. Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, 1999. p. 115-128.
- FERRARI, L. V. Construções condicionais e a negociação de perspectivas epistêmicas na interação entre professores. *Revista do GELNE*, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v. 1, n. 1, 2000. p. 79-82.
- FERRARI, L. V. **Modalidade e condicionalidade no português do Brasil**. (no prelo).
- FILLMORE, C. **Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences**. In: ZIOLKOWSKI, M.; NOSKE, M.; DEATON, K. (Eds.). **Papers from the 26th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago, 1990. p. 137-62.
- FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of 'let alone'. *Language*, v. 63, n. 3, p. 501-538, 1988.
- FLEISCHMAN, S. Temporal distance: a basic linguistic metaphor. *Studies in Language*, v. 13, n. 1, p. 1-50.
- GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: Chicago University Press, 1994.
- SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, 1999.
- SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**. Berkeley: University of California, 1990. (PhD Dissertation).